



# Formação Docente: Princípios e Fundamentos 4

**Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

**Solange Aparecida de Souza Monteiro**  
(Organizadora)

# **Formação Docente: Princípios e Fundamentos 4**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof.<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

F723 Formação docente [recurso eletrônico] : princípios e fundamentos 4 /  
Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta  
Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Formação Docente:  
Princípios e Fundamentos; v. 4)

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-7247-371-2  
DOI 10.22533/at.ed.712193005

1. Educação. 2. Professores – Formação. I. Monteiro, Solange  
Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 370.71

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná - Brasil

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

Atena  
Editora

Ano 2019

## APRESENTAÇÃO

Abre o volume IV o artigo FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES “IN LOCU” E O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA LEITORA Patrick Pacheco Castillo CARDOSO, Juliana Xavier MOIMÁS, Luciana Aparecida de Araújo PENITENTE os autores buscam investigar a existência de tendências de formação continuada de professores voltadas ao letramento docente. No artigo FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES PARA ATUAR NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: ESTUDO DE CASO as autoras Daiane Natalia Schiavon, Denise Marina Ramos, Maria Cristina P. Innocentini Hayashi buscam verificar o nível de conhecimento e formação apresentados pelos professores de ensino regular do município de Jaú sobre determinadas deficiências. No artigo FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: REFLEXÕES A PARTIR DA ANÁLISE DO AGIR DO COORDENADOR PEDAGÓGICO, a autora Neuraci Rocha Vidal Amorim discute a formação continuada de professores a partir da interpretação do agir do coordenador pedagógico, profissional responsável por fomentar esse processo na escola. No artigo FORMAÇÃO CONTINUADA DE SUPERVISORES NO PIBID: INTERDISCIPLINARIDADE E COLABORAÇÃO a autora Rosa Aparecida Pinheiro busca apresentar uma experiência continuada de professores através da integração de ações de ensino e pesquisa no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) que se constituem como espaço de integração de produções das instituições educativas envolvidas. No artigo FORMAÇÃO CONTINUADA E ENFOQUE CTS: PERCEPÇÕES DE UM GRUPO DE PROFESSORES DE QUÍMICA as autoras Tânia Mara Niezer, Rosemari Monteiro Castilho Foggiatto Silveira, Fabiane Fabri, buscam apresentar as percepções de um grupo de docentes de química que atuam da Rede Estadual de Educação Básica do Paraná, e lecionam em escolas de Ensino Médio no município de Rio Negro/PR. No artigo FORMAÇÃO CONTINUADA: O QUE AS PROFESSORAS TÊM A DIZER? a autora Eliziete Nascimento de Menezes busca caracterizar as interpretações feitas pelos professores acerca das orientações pedagógicas recebidas da Secretaria Municipal da Educação (SME) para a utilização dos jogos didáticos do PNAIC em sala de aula. Para isso, utilizamos ideias e conceitos de autores que versam sobre os saberes docentes e a autonomia relativa do professor (Tardif, 2014; Therrien, 2007). No artigo FORMAÇÃO DE PROFESSOR E RELAÇÃO FAMÍLIA E CRECHE as autoras Sorrana Penha Paz Landim e Cinthia Magda Fernandes Ariosi buscam discutir sobre a relevância de se estabelecer uma relação entre essas duas instituições pensando no desenvolvimento integral da criança e de identificar se é discutida e pensada a relação família e creche na formação inicial dos alunos do curso de pedagogia na Faculdade de Ciências e Tecnologia/Unesp de Presidente Prudente. No artigo FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM SEXUALIDADE E GÊNERO: CONCEPÇÕES DE DOCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO INTERIOR DE SÃO PAULO, as autoras Rosemary Rodrigues de Oliveira e Ana Paula Leivar Brancaleoni, buscam investigar as percepções de um grupo de professores de uma escola pública

do interior de São Paulo, sobre as dificuldades que enfrentam para trabalhar com sexualidade e gênero, assim como elencar elementos que consideram importantes na composição de cursos de formação continuada acerca dos temas. No artigo FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ALFABETIZAÇÃO E LITERATURA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LEITURA os autores Maria Gilliane de O. Cavalcante, Alba Maria M.S. Lessa, Daniela Maria Segabinazi buscam apresentar o relato de experiência sobre a formação de professores e projetos de leitura literária, desenvolvido na Escola Municipal Lucia Giovanna Duarte de Melo – Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, da cidade de João Pessoa, na Paraíba. No artigo FORMAÇÃO DOCENTE E ENSINO DE CIÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O USO DAS TIC NESSE CONTEXTO, os autores Wanderlei Sebastião Gabini e Renato Eugênio da Silva Diniz buscam discutir a formação de professores e o ensino de Ciências, voltados aos anos iniciais do ensino fundamental, com foco na utilização das tecnologias da informação e comunicação (TIC) e na contribuição que elas podem trazer para as atividades de ensino e aprendizagem. No artigo FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO, a autora Denise de Almeida Ostler, busca averiguar sob quais condições os alunos com deficiência intelectual desenvolve suas habilidades e competências, tendo assegurados: acesso, permanência e a terminalidade a uma educação básica de qualidade, partindo da implantação do Programa; destacar os aspectos teórico-práticos relacionados à formação do docente, permitindo atendimento de qualidade ao aluno com deficiência, considerando a necessidade de apoio especializado embasado na proposta do Programa Ensino Integral. No artigo FORMAÇÃO EM DESENHO: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO AUTOR, a autora Yaeko NAKADAKARI TSUHAKO coloca em discussão práticas pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento do desenho como linguagem e, buscou ainda realizar estudos teóricos que embasem a compreensão do desenho como linguagem. No artigo FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID/UESB, LINHA DE AÇÃO EDUCAÇÃO ESPECIAL as autoras Elízia Oliveira Santana, Ivonildes Silva Cerqueira, Jacinéia dos Reis Matos, Debora Braga Rocha Eloy buscam socializar os resultados obtidos nas intervenções realizadas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Subprojeto Interdisciplinar, linha de ação Educação Especial, vinculado à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus universitário de Jequié, na Bahia. No artigo FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA E O CONHECIMENTO TECNOLÓGICO PEDAGÓGICO DO CONTEÚDO (TPACK): ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO os autores Oscar Massaru Fujita e Maria Raquel Miotto Morelatti buscam apresentar uma pesquisa, em nível de pós-doutorado, que investiga a formação inicial do professor de Matemática, especificamente relacionada à integração das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) no ensino de Matemática. No artigo FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA: POSSIBILIDADES DE CONSTRUÇÃO E REFLEXÃO

SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, as autoras Carla Elisabeth Hirano Henriques Kathya Maria Ayres de Godoy, Regina Dinamar do Nascimento Silva, Renata Fantinati Corrêa buscam relatar e refletir sobre a(s) experiência(s) vivenciadas pelas estudantes do Programa de Pós-Graduação em Artes – PPGA, do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – UNESP/IA no estágio de docência desenvolvido na disciplina Linguagem Corporal, do curso de Licenciatura em Artes Visuais, junto aos estudantes graduandos do terceiro ano. No artigo FORMAÇÃO, IDENTIDADE E PRECARIZAÇÃO NA EAD: O PROFESSOR TUTOR EM FOCO, o autor Thiago Pedro de Abreu busca investigar as dificuldades dos tutores nesta modalidade. Pesquisa fundamentada em Litwin (2001) e Belloni (2012) destaca as problemáticas na formação dos tutores, como a precarização e a falta de identidade docente. No artigo FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO DOCENTE E FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: ANÁLISE DISCURSIVA DE PRODUÇÕES DE ESTAGIÁRIOS, a autora Luciana Maria Viviani busca refletir sobre processos de subjetivação docente que ocorrem durante os cursos de formação inicial de professores. No artigo inclusão dos estudantes com Altas Habilidades/Superdotação na cidade de Manaus: o que a formação de professores tem a ver com isso? os autores Andrezza Belota Lopes Machado, Geysykaryny Pinheiro de Oliveira, Carlene da Silva Martins, Denis Gomes Cordeiro buscam refletir a formação de professores tendo a inclusão desses estudantes como foco, implica considerar que o professor é o principal agente de reconhecimento das capacidades acima da média apresentada pelos estudantes. No artigo INCLUSÃO E EXCLUSÃO SOCIAL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA, as autoras Michele Cristina Pedroso Cecarelli e Leila Maria Ferreira Salles buscam apresentar levantamento bibliográfico realizado com o tema inclusão e exclusão social, na medida em que compreender a temática é considerado de extrema importância para uma formação de professores capazes de atuar de forma significativa nos diversos contextos, seja no trabalho docente diante de diferentes públicos ou na elaboração e implantação de políticas públicas. No artigo inclusão escolar e apoio educativo no contexto espanhol: contribuições para o campo acadêmico nacional as autoras Daiane Natalia Schiavon, Denise Marina Ramos, Maria Cristina P. Innocentini Hayashi objetivaram caracterizar o apoio educativo do professor de Audição e Linguagem (AL) oferecido à Educação Inclusiva na Espanha, visando contribuir com reflexões para o sistema de ensino brasileiro. No artigo ITINERÁRIOS ETNOPOÉTICOS DA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES/AS: TERRITÓRIOS, SABERES E PROTAGONISMO, a autora "EGLÊ BETÂNIA PORTELA WANZELER buscam analisar que é preciso considerar o papel das instituições formadoras, bem como o papel dos professores e das professoras no desenvolvimento dos processos formativos continuados. No artigo JARDINAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA, os autores Andrezza Santos Flores, Ângela Coletto Morales Escolano, Rodrigo Augusto Paixão Brasileiro Tânia Regina de Sousa Vilela, buscam unir forças

entre dois programas com incentivo federal, que visam a melhoria da escola pública, desenvolvendo atividades de jardinagem com alunos do Ensino Fundamental – Ciclo II. No artigo LA VIDA ES BELLA. DESDRAMATIZACIÓN DE LA SITUACIÓN HOSPITALARIA, os autores Perez Novoa, María José, Castelli, Patricia; Abal, Adrian; Erbicela, Beatriz; Capraro, Eugenia; Capraro Carlos; Salvatore, Luis Alberto; Etchegoyen, Liliana; Mogollon, Miguel; Gonzalez, Anabel; De Vicente, Cecilia; Obiols, Cecilia; Gulayin, Guillermo; Spisirri, Sebastian. Buscam pesquisar La situación hospitalaria suele en algunas situaciones, ser un condicionante para la sanación de una patología; probado esta, que la sonrisa es curativa; la sonrisa sana y alimenta el espíritu. No artigo LER E ESCREVER EM TELAS: FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR, WHATSAPP E LEGENDAS CINEMATOGRAFICAS, os autores Sônia de Oliveira Santos, Dagoberto Buim Arena, Adriana Naomi Fukushima da Silva, Thariane Nayara Leite Soares, Lilian Camila Rosa buscam analisar as contribuições do projeto de extensão ler e escrever em telas para a formação inicial do professor alfabetizador. No artigo LETRAMENTO CRÍTICO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS DA REDE PÚBLICA as autoras Sandra Regina Buttros Gattolin, Vera Lucia Teixeira da Silva, Viviane Cristina Garcia de Stefani, Deborah Cristina Simões Balestrini buscam contribuir para a conscientização dos docentes sobre a importância de sua agência para auxiliar na construção da cidadania ativa de seus alunos. No artigo LINGUAGEM E TECNOLOGIA: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO NO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS, o autor Osmar QUIM busca apresentar a experiência desenvolvida na disciplina de Linguagem e Tecnologia, ministrada no VI semestre do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus de Alto Araguaia. No artigo METODOLOGIA ATIVA: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA EM SAÚDE, as autoras Daniela Nunes Januário de Lucca – Centro, Neire Aparecida Machado Scarpini buscam identificar a metodologias de ensino na literatura em saúde, destacando as metodologias de ensino desenvolvidas nos cursos de graduação em saúde. No artigo JARDINAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA, os autores Andrezza Santos Flores, Ângela Coletto Morales Escolano, Rodrigo Augusto Paixão Brasileiro Tânia Regina de Sousa Vilela, buscam unir forças entre dois programas com incentivo federal, que visam a melhoria da escola pública, desenvolvendo atividades de jardinagem com alunos do Ensino Fundamental – Ciclo II. No artigo MOTIVOS PARA APRENDER: DIÁLOGOS COM PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA, os autores Mayla Eduarda Rosa, Joyce Ingrid de Lima, Joana de Jesus de Andrade buscam entender quais os fatores motivacionais e as condições que favoreceriam a potencialização da aprendizagem e do desenvolvimento no espaço escolar. No artigo MÚLTIPLOS E DIVISORES COM JOGOS MATEMÁTICOS, os autores Gabriel Cabrera e Rita de Cássia Pavan Lamas buscam abordar uma das alternativas para o ensino de Matemática, jogos na perspectiva de resolução de problemas, ou seja, jogos matemáticos como metodologia de ensino para sala de aula.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES “IN LOCU” E O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA LEITORA	
Patrick Pacheco Castillo Cardoso Juliana Xavier Moimás Luciana Aparecida de Araújo Penitente	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7121930051</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES PARA ATUAR NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: ESTUDO DE CASO	
Daiane Natalia Schiavon Denise Marina Ramos Maria Cristina P. Innocentini Hayashi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7121930052</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>21</b>
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: REFLEXÕES A PARTIR DA ANÁLISE DO AGIR DO COORDENADOR PEDAGÓGICO	
Neuraci Rocha Vidal Amorim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7121930053</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
FORMAÇÃO CONTINUADA DE SUPERVISORES NO PIBID: INTERDISCIPLINARIDADE E COLABORAÇÃO	
Rosa Aparecida Pinheiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7121930054</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
FORMAÇÃO CONTINUADA E ENFOQUE CTS: PERCEPÇÕES DE UM GRUPO DE PROFESSORES DE QUÍMICA	
Tânia Mara Niezer Rosemari Monteiro Castilho Foggiatto Silveira Fabiane Fabri	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7121930055</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>60</b>
FORMAÇÃO CONTINUADA: O QUE AS PROFESSORAS TÊM A DIZER?	
Eliziete Nascimento de Menezes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7121930056</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>72</b>
FORMAÇÃO DE PROFESSOR E RELAÇÃO FAMÍLIA E CRECHE	
Sorrana Penha Paz Landim Cinthia Magda Fernandes Ariosi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7121930057</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>80</b>
FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM SEXUALIDADE E GÊNERO: CONCEPÇÕES DE DOCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO INTERIOR DE SÃO PAULO	
Rosemary Rodrigues de Oliveira Ana Paula Leivar Brancaloni	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7121930058</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>92</b>
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ALFABETIZAÇÃO E LITERATURA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LEITURA	
Maria Gilliane de O. Cavalcante Alba Maria M.S. Lessa Daniela Maria Segabinazi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7121930059</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>104</b>
FORMAÇÃO DOCENTE E ENSINO DE CIÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O USO DAS TIC NESSE CONTEXTO	
Wanderlei Sebastião Gabini Renato Eugênio da Silva Diniz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71219300510</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>113</b>
FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO	
Denise de Almeida Ostler	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71219300511</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>120</b>
FORMAÇÃO EM DESENHO: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO AUTOR	
Yaeko Nakadakari Tsuhako Stela Miller	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71219300512</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>131</b>
FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID/UESB, LINHA DE AÇÃO EDUCAÇÃO ESPECIAL	
Elízia Oliveira Santana Ivonildes Silva Cerqueira Jacinéia dos Reis Matos Debora Braga Rocha Eloy Marina Helena Chaves Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71219300513</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>140</b>
FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA E O CONHECIMENTO TECNOLÓGICO PEDAGÓGICO DO CONTEÚDO (TPACK): ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO	
Oscar Massaru Fujita Maria Raquel Miotto Morelatti	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71219300514</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>155</b>
FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA: POSSIBILIDADES DE CONSTRUÇÃO E REFLEXÃO SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA	
Carla Elisabeth Hirano Henriques Kathya Maria Ayres de Godoy Regina Dinamar do Nascimento Silva Renata Fantinati Corrêa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71219300515</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>169</b>
FORMAÇÃO, IDENTIDADE E PRECARIZAÇÃO NA EAD: O PROFESSOR TUTOR EM FOCO	
Thiago Pedro de Abreu	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71219300516</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>180</b>
FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO DOCENTE E FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: ANÁLISE DISCURSIVA DE PRODUÇÕES DE ESTAGIÁRIOS	
Luciana Maria Viviani	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71219300517</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>191</b>
INCLUSÃO DOS ESTUDANTES COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NA CIDADE DE MANAUS: O QUE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES TEM A VER COM ISSO?	
Andrezza Belota Lopes Machado Geysykaryny Pinheiro de Oliveira Carlene da Silva Martins Denis Gomes Cordeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71219300518</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>203</b>
INCLUSÃO E EXCLUSÃO SOCIAL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Michele Cristina Pedroso Cecarelli Leila Maria Ferreira Salles	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71219300519</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>210</b>
INCLUSÃO ESCOLAR E APOIO EDUCATIVO NO CONTEXTO ESPANHOL: CONTRIBUIÇÕES PARA O CAMPO ACADÊMICO NACIONAL	
Daiane Natalia Schiavon Denise Marina Ramos Maria Cristina P. Innocentini Hayashi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71219300520</b>	

**CAPÍTULO 21 ..... 220**

**ITINERÁRIOS ETNOPOÉTICOS DA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES/  
AS: TERRITÓRIOS, SABERES E PROTAGONISMO**

Eglê Betânia Portela Wanzeler

**DOI 10.22533/at.ed.71219300521**

**CAPÍTULO 22 ..... 231**

**JARDINAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Andrezza Santos Flores

Ângela Coletto Morales Escolano

Rodrigo Augusto Paixão Brasileiro

Tânia Regina de Sousa Vilela

**DOI 10.22533/at.ed.71219300522**

**CAPÍTULO 23 ..... 240**

**LA VIDA ES BELLA. DESDRAMATIZACIÓN DE LA SITUACIÓN HOSPITALARIA**

María José Perez Novoa

Patricia Castelli

Adrian Abal

Beatriz Erbicela

Eugenia Capraro

Carlos Capraro

Luis Alberto Salvatore

Liliana Etchegoyen

Miguel Mogollon

Anabel Gonzalez

Cecilia de Vicente

Cecilia Obiols

Guillermo Gulayin

Sebastian Spisirri

**DOI 10.22533/at.ed.71219300523**

**CAPÍTULO 24 ..... 248**

**LER E ESCREVER EM TELAS: FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR,  
WHATSAPP E LEGENDAS CINEMATOGRAFICAS**

Sônia de Oliveira Santos

Dagoberto Buim Arena

Adriana Naomi Fukushima da Silva

Tharlane Nayara Leite Soares

Lilian Camila Rosa

**DOI 10.22533/at.ed.71219300524**

**CAPÍTULO 25 ..... 262**

**LETRAMENTO CRÍTICO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS DA  
REDE PÚBLICA**

Sandra Regina Buttros Gattolin

Vera Lucia Teixeira da Silva

Viviane Cristina Garcia de Stefani

Deborah Cristina Simões Balestrini

**DOI 10.22533/at.ed.71219300525**

<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>274</b>
LINGUAGEM E TECNOLOGIA: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO NO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS	
Osmar Quim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71219300526</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>283</b>
METODOLOGIA ATIVA: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA EM SAÚDE	
Daniela Nunes Januário de Lucca	
Neire Aparecida Machado Scarpini	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71219300527</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>292</b>
MOTIVOS PARA APRENDER: DIÁLOGOS COM PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Mayla Eduarda Rosa	
Joyce Ingrid de Lima	
Joana de Jesus de Andrade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71219300528</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>305</b>
MÚLTIPLOS E DIVISORES COM JOGOS MATEMÁTICOS	
Gabriel Cabrera	
Rita de Cássia Pavan Lamas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71219300529</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>315</b>

## FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA: POSSIBILIDADES DE CONSTRUÇÃO E REFLEXÃO SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

**Carla Elisabeth Hirano Henriques**

Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes  
São Paulo – São Paulo

**Kathya Maria Ayres de Godoy**

Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes  
São Paulo – São Paulo

**Regina Dinamar do Nascimento Silva**

Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes  
São Paulo – São Paulo

**Renata Fantinati Corrêa**

Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes  
São Paulo – São Paulo

**RESUMO:** Esse texto relata e reflete sobre a(s) experiência(s) vivenciadas pelas estudantes do Programa de Pós-Graduação em Artes – PPGA, do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – UNESP/IA no estágio de docência desenvolvido na disciplina Linguagem Corporal, do curso de Licenciatura em Artes Visuais, junto aos estudantes graduandos do terceiro ano. Para tanto, descrevemos as práticas pedagógicas subsidiadas por Alexander (1991), Laban (1978,1990) e Piret; Béziers (1992). Usamos as definições de experiência de Jorge Larrosa (2014) e os conceitos (in)corporação e conhecimento sensível de Godoy (2011) integrados ao Grupo de Pesquisa Dança: Estética e Educação GPDEE para elaborar

e refletir sobre essas práticas no intuito de promover o autoconhecimento desses artistas/estudantes, tendo em vista a compreensão de como atuar na educação básica, uma vez que são futuros artistas/educadores em processo de formação inicial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte, Formação de professores, Linguagem corporal.

**ABSTRACT:** This text reports and reflects on the experience (s) experienced by the students of the Postgraduate Program in Arts - PPGA, of the Institute of Arts of the State University Paulista “Julio de Mesquita Filho” - UNESP / IA in the teaching stage developed in the discipline Corporal Language, of the course in the Graduation in Visual Arts, next to the students graduating of the third year. For this, we describe the pedagogical practices subsidized by Alexander (1991), Laban (1978, 1990) and Piret; Béziers (1992). We use the definitions of Jorge Larrosa’s experience (2014) and the concepts (in) corporation and sensitive knowledge of Godoy (2011) integrated to the Research Group Dance: Aesthetics and Education GPDEE to elaborate and reflect on these practices in order to promote self-knowledge of these artists / students, in order to understand how to act in basic education, since they are future artists / educators in the process of initial formation.

**KEYWORDS:** Art, Teacher training, Body

language.

## 1 | INTRODUÇÃO

Este texto, escrito em terceira pessoa, como relato de experiência, **é inspirado no artigo** “Estágio de Docência: diferentes olhares sobre a disciplina de linguagem corporal do curso de licenciatura em Artes Visuais do IA/UNESP/SP”, que foi apresentado no IV Congresso Nacional de Formação de Professores e XIV Congresso Estadual Paulista Sobre Formação de Educadores (GODOY, SILVA e CORRÊA, 2018).

Sendo assim, o mesmo versa sobre as diversas perspectivas de olhar para a docência no Ensino Superior, ou seja, do ponto de vista da formação continuada, quando se preocupa em relatar reflexivamente a experiência vivida pelas estudantes/estagiárias do Programa de Pós-Graduação em Artes – PPGArtes do Instituto de Artes da Unesp e também sob a ótica dos artistas/estudantes da Licenciatura em Artes Visuais que se configura em formação inicial, como sujeitos dessa experiência (LAROSSA, 2014) e finalmente, traz percepções dos artistas/estudantes envolvidos nesse processo. Tendo em vista esses aspectos, contextualizamos para os leitores o lugar e como foram desenvolvidas tais práticas pedagógicas.

O Instituto de Artes – IA, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, é uma unidade que pertence ao Campus São Paulo, que abriga também o Instituto de Física Teórica. O IA vem se constituindo como um polo cultural na cidade de São Paulo e oferta vários cursos de graduação em Arte. É conhecido pelos cursos bacharelados e principalmente pelas três licenciaturas: Arte-Teatro, Artes Visuais e Música. Isso tem fortalecido sua relação com a cidade fazendo com que se constitua em um centro de referência cultural.

Dito isso, falamos agora sobre a Licenciatura em Artes Visuais - LAV. Ela possui uma estrutura curricular híbrida em alguns momentos com o curso Bacharelado. O Projeto Pedagógico tem como premissa o entendimento de que é preciso uma formação sólida do artista que será professor. Por esse motivo, as disciplinas se caracterizam como laboratórios ateliês nos quais o estudante pode experimentar muitas técnicas, sob orientação constante do professor, e também, trabalhar só para descobrir seu traço, técnica ou linguagem que o permita vivenciar o processo de criação e aprimoramento da materialidade escolhida, que o identifica como artista. Diante do exposto, o artista/estudante tem um contato desde o início do curso, com disciplinas da área educacional e passa a refletir sobre questões que envolvem as relações entre professor e estudante, desenvolvimento infantil, aprendizado, políticas públicas, entre outros temas em diálogo com as Artes Visuais. Na matriz curricular, são oferecidas disciplinas de outras linguagens artísticas como cinema, diferentes mídias, música, dança, canto, etc, e incentivada a participação em monitorias, programas de iniciação científica, núcleos de ensino, grupos de pesquisa, atividades de extensão

e empreendedorismo, no sentido de ampliar o repertório do artista/estudante/futuro professor na atuação escolar.

O PPGA do IA, possui três grandes áreas de concentração: Artes Visuais, Artes Cênicas e Artes e Educação. Esta última, abriga a linha de pesquisa *Processos Artísticos, Experiências Educacionais e Mediação Cultural*, que estuda os processos artísticos em suas dimensões educacionais e de mediação cultural em perspectivas metodológicas, históricas, políticas e culturais, na qual a docente responsável se vincula e possui um currículo no qual os estudantes cumprem disciplinas obrigatórias e eletivas, atividades complementares e são estimulados a vivenciarem o estágio de docência nos cursos de graduação, acompanhados por seus orientadores ou professores do quadro docente da universidade.

Essa é a situação que se encontram as estudantes/estagiárias deste texto.

## 2 | INSPIRAÇÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS

A disciplina Linguagem Corporal é obrigatória para os estudantes do 3º ano da Licenciatura e do Bacharelado em Artes Visuais – BLAV. Por se tratar de um curso semestral, ela ocorre no 6º semestre, com 4 horas/aula por semana, totalizando 60h de carga horária. Pela peculiaridade dessa disciplina, a cada ano, convidamos estudantes do PPGA para cumprir seu estágio de docência como mencionado acima. A proposta de ensino abarca as relações entre a linguagem corporal e visual por meio de instrumentais que possibilitem o reconhecimento do corpo e do movimento, ampliação do vocabulário poético, estético, gestual e expressivo, que possam ser utilizados no contexto profissional artístico e educativo.

Para que isso seja possível usamos referências teóricas pautadas em métodos como Eutonia (ALEXANDER, 1991); os Princípios do Movimento (LABAN, 1978, 1990); Consciência Corporal e Educação Somática (PIRET; BÉZIER, 1992). Definições de experiência e sujeitos da experiência de Jorge Larrosa (2014) e os conceitos que vem sendo difundidos pelo Grupo de Pesquisa Dança: Estética e Educação – GPDEE desenvolvidos ao longo de seus dez anos de existência como *(in) corporação*, que trata da apropriação no corpo feita pelos sujeitos (professores e estudantes) do que é único da linguagem e os sentidos atribuídos à linguagem corporal individualmente e pelo coletivo e *conhecimento sensível* que adota a *(in)corporação* (vive pelo corpo) o acontecimento para transformar a vivência em experiência, uma vez que o conhecimento é construído a partir dos saberes estabelecidos pelo sujeito, a partir do olhar para a sensibilidade e estesia, e em conexão com o contexto em que cada um está inserido. Para trabalhar com o ensino, tendo em vista o conhecimento sensível, destacamos três pressupostos: a) práxis como premissa de trabalho; b) a efetivação da práxis no processo de trabalho; e c) a partilha.

O GPDEE, se vincula ao PPGA Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual

Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - PPGA/IA/UNESP e investiga possibilidades de intervenção no espaço escolar com o sentido de oportunizar para a educação básica diferentes formas de aprendizado tendo em vista o conhecimento sensível.

Desta forma, por acreditar que a linguagem corporal atua em outros territórios artísticos, relatamos as práticas pedagógicas vivenciadas pelos artistas/estudantes e futuros professores que não tem como usual o (re)conhecimento do corpo e suas relações com as Artes Visuais e as impressões vindas da elaboração e aplicação das estudantes/estagiárias, de como o uso do corpo pode ser explorado na educação no sentido de indicar um novo olhar, um outro fazer transformador da realidade.

### **3 | PROCEDIMENTOS**

#### **3.1 A equipe**

A equipe de profissionais foi composta pela professora responsável pela disciplina Dra. Kathya Maria Ayres de Godoy, do Instituto de Artes da UNESP, líder do Grupo de Pesquisa Dança: Estética e Educação-GPDEE, coordenadora dos cursos de graduação em Artes Cênicas do Departamento Artes Cênicas, Educação e Fundamentos da Comunicação – DACEFC; pelas estudantes/estagiárias: Carla Elisabeth Hirano Henriques, integrante do GPDEE, formada no Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais pela Unesp/SP; Regina Dinamar do Nascimento Silva, integrante do GPDEE, especialista em Dança e Consciência Corporal pela Faculdades Metropolitanas Unidas – FMUe em Psicopedagogia pela Anhembí Morumbi, graduada em Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas pela Faculdade de Artes Alcântara Machado – FAAM e Renata Fantinati Corrêa, integrante do GPDEE, especialista em Psicopedagogia pelo Centro Universitário Assunção – UNIFAI, graduada em Pedagogia pela Faculdade Paulista São José e em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas pela Universidade São Judas Tadeu.

#### **3.2 O convite**

O início dos nossos diálogos surgiu no final de 2017, quando a professora responsável por essa disciplina, nos convidou a acompanhar, desenvolver e ministrar em conjunto os encontros/aulas aos 23 estudantes de BLAV. Para isso elaboramos juntas práticas pedagógicas que possibilitasse inicialmente o (re)conhecimento corporal dos artistas/estudantes/futuros professores a respeito do seu corpo, e do corpo do outro. E a partir desse ponto, tornar evidente que somos corpo e movimento, para posteriormente, refletir sobre práticas junto aos escolares da educação básica. Decidimos que o primeiro encontro, ocorrido em 26/02/2018, seria o norteador para todo caminho das nossas ações, pois por se tratar de uma disciplina que envolve a linguagem corporal e já possuir uma proposta estrutural, foi necessário conhecer o

perfil da turma para pensar no desenrolar de tal proposta de ensino.

### 3.3 A preparação

Antes de iniciar os encontros/aulas, cada uma de nós verificava a proposta do mesmo e organizava o que havia ficado sob sua responsabilidade, de forma a acolher os artistas/estudantes em um ambiente preparado. Esta preparação começava na separação e montagem de materiais para aula, testagem de equipamentos, até a concentração individual de cada uma de nós.

### 3.4 O desenrolar

Vale dizer que para todos os encontros houve alguns procedimentos comuns que auxiliaram no desenrolar da proposta. O primeiro foi a decisão de apresentar e estudar o corpo humano e para isso, em todas as aulas/encontros levamos um esqueleto em tamanho natural. Nos momentos em que tratamos de partes como mãos, pés e coluna, procuramos apresentar a eles partes separadas com o intuito de proporcionar o toque individual nas peças. Por se tratar de artistas/estudantes da área de Artes Visuais sentimos a necessidade do toque porque habitualmente o registro deles se dá pela visualidade. Outra característica comum a todos artistas/estudantes foi o fato de não terem o hábito de trabalhar coletivamente, pois eles estudam nos ateliês, de maneira que estão acostumados a ficarem horas a fio sozinhos. Então já no levantamento inicial do perfil (feito no primeiro dia de aula descrito abaixo), identificamos que precisaríamos de momentos individuais para chegar ao coletivo e que também teríamos que oportunizar o reconhecimento do espaço individual para chegar ao amplo e conseguir se colocar no mesmo, sentir-se parte integrante de um todo. Outro aspecto evidenciado foi o fato de terem dificuldade de se olharem (tanto nos olhos como no corpo todo), o que nos fez decidir iniciar todos os dias com o que chamamos de chegada. Momento de acolhimento dos artistas/estudantes, sentados em círculo e depois propiciar um espreguiçamento, para que o corpo começasse a perceber o coletivo e depois focar nas individualidades por meio desse momento para se desligar dos problemas externos e se concentrar nas necessidades particulares de cada corpo, ou seja, um “escutar pelas sensações do que diz seu corpo” naquele dia e nos posteriores, comparar essas sensações com outros momentos. Optamos pelo estudo das partes do corpo em cada um dos encontros/aulas porque é preciso tempo para apropriação de algo que conheciam parcialmente, a percepção do corpo envolve o estudo teórico junto com a observação dos ossos (concretude trazida pelo esqueleto) e do toque no seu corpo e na troca feita com o corpo de cada artista/estudante seguida da experimentação do movimento no espaço. Outros conceitos como o reconhecimento do tônus (gradação da tensão muscular), níveis (alto, médio e baixo), trajetórias do movimento do corpo no espaço, direções, espaço pessoal e coletivo, gestos, postura, noções de fluência, formas de locomoção, equilíbrio estável

e instável, centro de gravidade, ritmo interno e externo, dinâmica do movimento: aceleração e desaceleração, respiração (LABAN, 1990), foram aspectos comuns abordados na maioria dos encontros porque eles favoreceram a ampliação e (in) corporação desse conhecimento sensível acerca do corpo. Outro procedimento usado em todos os encontros/aulas foi o fechamento com um círculo no qual trocamos nossas impressões sobre a vivência daquele dia. Isso incluiu um registro individual feito por aqueles que quisessem. De maneira que nos encontros/aulas ocorreram os seguintes procedimentos didáticos: Chegança, Aquecimento e Momento de exploração, Apreciação e jogos, Criação e Roda de conversa. Todos também contaram com uma seleção minuciosa de músicas para todas as atividades propostas. Relatamos abaixo uma breve descrição das práticas pedagógicas de cada encontro/aula, seguida das impressões das estudantes/estagiárias.

### 3.5 As escolhas

**1º Encontro:** Sentamos em círculo e iniciamos nossas apresentações. Quem somos, o que queremos, o que pretendemos – não houve nesse momento hierarquia, somos seres humanos num propósito de troca e experiências participantes da disciplina Linguagem Corporal. Para criarmos esse vínculo inicial, construímos uma trama com barbante, como é conhecida “teia de aranha”, para tecermos nossos conhecimentos, transformar e criar novas perspectivas. Em seguida dividimos em dois grandes grupos, na mesma teia que nos unia. O primeiro grupo ficou em pé e o segundo grupo sentado, segurando os fios para que o primeiro pudesse explorar nos níveis alto, médio e baixo (LABAN, 1978) e trocar de lugar com os participantes por meio do contato visual e o movimento de deslocamento. Sucessivamente todos exploraram suas capacidades corporais, equilíbrio, foco, concentração, ritmo, porque o objetivamos explorar o corpo e suas potencialidades no espaço com integração de todos (PIRET; BÉZIER, 1992). Finalizamos com um círculo e breve relaxamento conduzido para sentir o corpo, a respiração e identificar como o este corpo chegou e saiu do encontro/aula. Primeira tentativa de ouvi-los e possibilidade de abertura de diálogos para propor atividades nas aulas seguintes.

**Impressões das estudantes/estagiárias:** A aula fluiu de maneira agradável e satisfatória! O grupo interagiu e respondeu a todos nossos estímulos, estavam abertos para o novo, disponíveis, grata surpresa. Alguns muito tímidos e com dificuldade de concentração. Optamos por vivenciar junto com eles todas as propostas para fortalecer essa aproximação e ampliar o vínculo entre todos. Nesta aula traçamos um roteiro de continuidade: começar pelas extremidades do corpo, pés e depois mãos, principalmente no caso desses artistas/estudantes, pois por estudarem Artes Visuais existe grande uso das mãos e pouca exploração dos pés.

**2º Encontro:** Neste dia iniciamos com uma apresentação do esqueleto do pé, por se tratar da base de sustentação para a posição de dois apoios (em pé), e,

dessa maneira mantivemos o processo de autoconhecimento pelas extremidades. Os pés foram explorados, massageados, ativados e reconhecidos por inteiro, além da exposição teórica sobre sua importância na estrutura corporal. De maneira lúdica, propusemos o “Jogo dos Opostos” e mais uma vez o contato visual prevaleceu, os níveis novamente foram solicitados – percebemos que houve resistência dos artistas/estudantes em mudar de níveis porque permaneceram no nível alto, e aproveitamos para acrescentar nessa exploração, outros movimentos com dinâmica de rápido e lento. As duplas foram reorganizadas algumas vezes para que todos pudessem desenvolver a atividade com a maioria dos presentes e para memorizar o que fosse possível para o momento seguinte. Colocamos a disposição dos artistas/estudantes vários materiais, como: tinta guache, giz de cera, giz a cal, lápis de cor, diferentes tipos de papeis, como diversas texturas e solicitamos que partindo das sensações obtidas no momento anterior, escolhessem os materiais disponíveis para retratar o que foi experienciado. Todos colocaram seus desenhos, dobraduras no meio da sala e observamos esses registros. O encerramento se deu com roda de conversa sobre as sensações que ficaram impregnadas no corpo e retratadas nos desenhos e como se deu o processo de trazer a memória motora e afetiva (ALEXANDER, 1991; PIRET; BÉZIERS, 1992) para retomar o que foi desenvolvido.

**Impressões das estudantes/estagiárias:** O diálogo foi produtivo e alguns apontamentos foram observados como a resistência na alteração dos níveis (falta de repertório, timidez, incomodo?), como cada um transmite suas individualidades no papel, por exemplo: alguns desenhos que não retratavam nada do que foi experienciado na aula, mas sim, um retrato de memória do real momento do artista/estudante, ou o desenho de um rosto que é um traço presente do futuro artista. Os pés foram compreendidos e retratados em vários aspectos como base de sustentação do corpo, seu uso no caminhar, correr, andar de muitas maneiras com a planta apoiada no solo, na meia ponta, nos calcanhares, com as partes posteriores, inferiores, para o equilíbrio e a vivência do toque com diferentes texturas. Após nossa conversa, elaboramos juntas, o próximo encontro/aula.

**3º Encontro:** Nesse encontro exploramos as mãos. Levamos o esqueleto completo e a mão para que pudessem tocar nos ossos dos dedos, flexionar e estender os tendões e observar os movimentos que as mãos podem executar. Houve uma explanação sobre o funcionamento delas e partimos para uma sequência de automassagem começando pelas mãos chegando ao corpo inteiro. Destacamos a importância de conectar a mão ao antebraço por meio da articulação do punho e o antebraço ao braço pela articulação do cotovelo e o braço com o tronco por meio da articulação do ombro. E a conexão do ombro com a escápula. A seguir eles tocaram uns aos outros para identificar como o movimento dos braços implica na consciência de que pode ser iniciado pelas escápulas ou o inverso, pelas pontas dos dedos. Por essa razão apresentamos o movimento de expansão e recolhimento, evidenciando a dimensão dos braços e mãos. Eles exploraram livremente esses movimentos pelo

espaço da sala de aula até que solicitamos que procurassem um colega por meio das mãos. O encontro de mãos se deu de maneira interessante e prazerosa. Na sequência pedimos que explorassem os níveis (baixo, médio e alto) nas duplas e em deslocamento pelo espaço. Deixamos que descobrissem outros movimentos e trocamos as duplas algumas vezes. Estabelecemos que as mãos precisavam dialogar e esse jogo se tornou lúdico na medida em que as duplas se tornaram trios, quartetos até formar um grande grupo de mãos conectadas. Propusemos outras possibilidades como vivenciar a manipulação do colega como uma marionete e unimos pernas e braços com elásticos que depois foram se soltando na experimentação de outros movimentos. Levamos argila para que inicialmente trabalhassem com os pés, amassando e sentindo o calor, textura do material, depois pedimos que usassem o corpo todo para modelar a argila tendo em vista a memória das sensações vivenciadas no encontro. O resultado foi surpreendente, esculturas de partes do corpo e de momentos de aula. Observamos juntos as peças e realizamos a roda de conversa na qual falamos sobre a imagem corporal que construímos ao longo de nossa vida (ALEXANDER, 1991) e sobre as práticas pedagógicas que tivemos nesses encontros. Qual caminho pedagógico seguimos com eles?

**Impressões das estudantes/estagiárias:** Será mesmo que esses artistas/estudantes tem a dimensão do uso de suas mãos? Quais movimentos surgem delas? Como se deu a exploração do espaço no encontro com outras mãos e como elas se movimentam, como dialogaram com o outro? Será que eles conseguiram se envolver com a textura e a maleabilidade da argila? E o processo de criação trouxe as sensações e a memória motora e afetiva para a forma? Essas perguntas foram detonadoras de nossas escolhas para construção dessa aula e foram discutidas depois da vivência. Achamos que houve outro entendimento a respeito das mãos e do papel delas em relação ao corpo como um todo. Na roda de conversa essa questão apareceu. Eles disseram que apesar de conhecerem as mãos, a usavam como ferramenta de trabalho e que perceber que ela se conecta ao corpo e produz uma imensidade de movimentos que desconheciam era novo. Alguns colocaram que houve ampliação da consciência do que o corpo pode fazer e que na escola, essa dimensão é pouco trabalhada. Partimos então para preparação do próximo encontro.

**4º Encontro:** A opção para essa aula/encontro foi estudar a coluna vertebral e os movimentos que produz. As vertebbras, a caixa torácica, as costelas flutuantes, a base da coluna – cóccix/cabeça, o peso da cabeça, estrutura de eixo: alinhamento, ísquios, a estrutura do quadril, movimentos da bacia, a junção com as escápulas, pontos de apoio, pêndulos, torções e centralidade do corpo em relação ao espaço. A função de suporte do corpo. Para esse estudo foi necessário desenvolver pausadamente cada parte do corpo e seu reconhecimento no movimento, iniciamos sentados eretos para realizar uma torção para cada lado; depois enrolar o tronco pelo peso da cabeça; expandir o tórax com o pescoço para trás; inclinar o tronco para um lado, depois outro. Quando levantamos experimentamos flexionar o pescoço para baixo encostando o

queixo no esterno sucessivamente inclinando o tronco em direção aos pés e observar o movimento de cada vertebra da coluna, depois fazer o caminho de volta até chegar a posição ereta em pé; reconhecer o alinhamento do calcâneo, ísquio, base da coluna, bacia, tórax e cabeça. Uma série de informações que juntas explicam a postura, a necessidade de alinhamento e conhecimento do tônus (gradação de tensão presente na musculatura) que é essencial para o movimento do corpo (ALEXANDER, 1991). O entendimento de que possuímos um centro de gravidade que fica próximo a bacia e que auxilia no equilíbrio e desequilíbrio e outras informações foram dadas enquanto realizavam as atividades. Por exemplo em duplas, um a frente do outro. Na sequência, segurar o colega pelo pescoço (nuca) e direcioná-lo pelo espaço de olhos abertos e fechados, usando para essa exploração os níveis, mudança de direções, movimentos rápidos e lentos com intuito de observar o tônus, o equilíbrio, o corpo em deslocamento no espaço e o uso das articulações como alavancas propulsoras do movimento. Dessa proposta derivou um processo criativo por meio dos temas já trabalhados como tensão, eixo, expansão, recolhimento. Eles foram divididos em pequenos grupos e produziram uma pequena cena. Todos mostraram suas cenas e apreciaram os demais. A relação palco-plateia pode ser um recurso pedagógico para exercitar a observação. No círculo final discutimos as vivências realizadas nesse encontro e como poderiam ser levadas para o contexto escolar.

**Impressões das estudantes/estagiárias:** Nossa discussão sobre esse encontro/ aula nos fez refletir o quanto desconhecemos os movimentos gerados pela coluna e como eles condicionam a postura das pessoas. Lembramos que os artistas/estudantes conhecem o corpo humano do ponto de vista do desenho de “modelo vivo”, mas que passar pela experiência no seu corpo e observar o tônus de seus companheiros foi algo diferenciado para eles. Muitos se lembraram da vivência escolar sobre o corpo nas aulas de Educação Física, mas que não havia uma conexão com as aulas de Arte, pelo menos não aparentemente e que achavam que se isso fosse feito na escola, talvez propiciasse outro entendimento de corpo. Refletimos que era momento de apresentar vídeos para que tivessem outras formas de apreciação do corpo.

**5º Encontro:** Esse encontro/aula iniciou com uma chegada e aquecimento diferenciado. Como terminamos o anterior falando sobre o espaço escolar e sobre crianças, decidimos propor algumas brincadeiras e jogos lúdicos para abordar as escápulas, os braços e o tronco. Então começamos com Pega-pega corrente, cabo de guerra, peteca, competição no lençol (utilização apenas dos membros superiores), bexiga. Uma aula bem recreativa e relativamente curta, mas com um excesso de energia dispensada, porque utilizamos em demasia os braços e conseqüentemente as escápulas e o tronco. Após todas as atividades, os artistas/estudantes se deitaram de costas no chão e solicitamos que relaxassem (introduzimos variadas respirações) e perguntamos: que partes do corpo conhecemos? E ouvimos: escápula, braços e tronco. Em seguida fomos para o esqueleto para observar sua função, proporção e tamanho. Falamos sobre a função tônica e intensidades de tônus (ALEXANDER,

1991) para as atividades corriqueiras como comer, andar, abaixar, levantar objetos e para as que vivenciamos na aula. Também explanamos sobre a coordenação motora fina (pintar) e global (dançar) (PIRET; BÉZIERS, 1992). Na sequência observamos vídeos de performance, esporte, dança, movimentos do dia a dia, para identificar o movimento das escápulas e do corpo como um todo.

**Impressões das estudantes/estagiárias:** Apostar na inversão dos procedimentos pedagógicos foi salutar porque pudemos mostrar que existem outras maneiras de se preparar uma aula sem perder seus objetivos. Na roda de conversa isso ficou evidente para os artistas/estudantes. Eles também comentaram que estavam compreendendo que viver a experiência foi importante porque trouxe outra dimensão da compreensão do corpo e de como ele é negligenciado nas práticas artísticas pedagógicas nos espaços escolares – desde a educação básica até o ensino superior e que eles sugeriam que essa disciplina fosse dada no primeiro ano do curso. Partimos para preparação do encontro seguinte.

**6º Encontro:** O encontro foi destinado ao reconhecimento do tronco e do centro de gravidade. Então após a chegada e aquecimento todas as atividades foram destinadas a compreensão do equilíbrio e desequilíbrio corporal. Partimos de movimentos com a bacia (como pêndulos e alinhamentos) para estimular a descoberta de diferentes pontos de apoio fora do habitual em forma de desafios, também mantivemos a relação com o espaço e a integração entre eles. Sozinhos, solicitamos que procurassem apoios diversos pelo contato com o chão, e na medida que se movimentavam, havia a mudança de nível, e dos apoios, com exploração de outros movimentos. Depois em duplas, conectados pelas mãos para continuidade desta investigação. Em seguida, caminhamos pelo espaço com atenção no andar e na transferência de peso. Passamos para atividade de pêndulo, inicialmente em trios, onde um ficava no meio se lançando para frente e para trás ou para um lado e para o outro, como “João Bobo”, os outros colegas se tornaram o apoio ou a barreira de sustentação para não haver a queda total. Por fim, realizamos uma atividade coletiva, que dependia da união de todos, em roda e sentados com as pernas estendidas para dentro do círculo, entrelaçamos os braços e uma pessoa iniciou um movimento circular em volta do próprio eixo, tal movimento aumentou, até que todos estivessem no mesmo movimento, que começava pequeno e ia crescendo. Depois passamos para apresentação do trabalho de conclusão de curso de uma das estudantes/estagiárias que se iniciou com sua performance na montagem de uma escultura em madeira em tamanho natural que se equilibra em apenas três apoios. Depois houve uma discussão sobre seu trabalho, ressaltando questões de instabilidade e estabilidade com apresentação de vídeo, fechando com a roda de conversa sobre o que foi abordado neste dia.

**Impressões das estudantes/estagiárias:** Continuamos apostando em encontros/ aulas lúdicas para experienciar temas da proposta de ensino. Evidenciar o tronco e a coluna, reconhecer o centro de gravidade para abordar equilíbrio e desequilíbrio foi uma boa opção de prática pedagógica. Os artistas/estudantes comentaram na roda de

conversa e inclusive sugeriram outros caminhos, ficamos surpresas. Também havíamos percebido que eles estavam inseguros em relação ao TCC e por isso optamos por apresentar uma pesquisa que tivesse o tema abordado em aula. A concretização de um tema por meio de uma investigação científica. Preparação para novo encontro.

**7º Encontro:** Concluimos que as vivências individuais e coletivas estavam apuradas e que o grupo havia criado um vínculo interessante. Então partimos para última fase da proposta que foi a interação do corpo no espaço. Outra questão é como somos atingidos e tocados por tudo que está ao nosso entorno e de como somos afetados pelo mundo. Qual é o espaço que seu corpo ocupa? Após os procedimentos iniciais, preenchemos o espaço da sala de aula com papel craft e giz de cera, em seguida convidamos os artistas/estudantes a ocupá-lo desenhando sua cinesfera (LABAN, 1978) por meio de suas memórias afetivas. Resgatamos todas as vivências anteriores que permitiram a ampliação do vocabulário corporal e pedimos que aliassem seus desenhos aos movimentos. Em seguida foram estimulados a expandir e invadir o espaço do outro e interferir e modificar aquilo que estava na sua memória que conseqüentemente não é o mesmo de quem a desenhou. O papel foi totalmente preenchido com desenhos e intervenções e com preenchimentos que surgiram da percepção e da criação do outro. Passamos a caminhar pelo espaço observando os desenhos e registrando na memória. Depois saímos do macro para o micro, do papel grande para o papel sulfite na medida A4. Os artistas/estudantes foram divididos em dois grupos e disponibilizamos materiais diversos (bexiga, peteca, corda, giz a cal, giz de cera, etc). Um grupo se retirou da sala e o outro tornou modelo vivo em movimento, com uso dos objetos e com interação com os colegas. O grupo que estava fora da sala entrou e registrou aquela cena viva no papel A4. Depois houve troca para que todos vivenciassem a experiência. Ao término, houve a roda de conversa.

**Impressões das estudantes/estagiárias:** Em diálogos posteriores, observamos como o movimento influencia no conhecimento corporal e como modifica a estrutura do tônus. Os artistas/estudantes também perceberam isso, pois na roda de conversa falaram que ao se conscientizarem do seu corpo e do outro, a observação do espaço se transformou e conseqüentemente sentiam mudanças nos processos de criação artística. Desde a dimensão do traço por conta da amplitude do movimento, como também nos menores gestos. Com isso a poética se alterava na medida em que concebiam uma obra. Mas os comentários sobre como entenderam o processo pedagógico que estavam vivenciando nos deixaram contentes porque esse era um de nossos objetivos. O fato de chegarem a refletir sobre as aulas de arte que tiveram na educação básica e como gostariam de modificar e criar outras formas de ensinar, indicou que estamos trilhando uma possibilidade de caminho pedagógico artístico. Passamos para elaboração e preparação do próximo encontro.

**8º Encontro:** Iniciamos retomando os temas que foram trabalhadas nos encontros anteriores, e depois os artistas/estudantes foram motivados a explorar sua criatividade coletivamente tanto de forma visual (manual) como de forma cênica (corporal). Saímos

do espaço da sala para exploração de um espaço maior – todo IA. A turma foi dividida em 3 grupos e foram desafiados a escolher um espaço da universidade e criar uma célula corporal de 3 a 5 minutos, unindo a aprendizagem das aulas e uma palavra recebida como inspiração para o processo criativo (torção; expansão e recolhimento; equilíbrio e desequilíbrio). Em seguida os artistas/estudantes fizeram a apresentação uns para os outros do que haviam criado.

**Impressões das estudantes/estagiárias:** Esse encontro desafiou os artistas/estudantes a “olhar” o espaço do IA e criar nele. Quando retornamos para sala conversamos sobre o que foi visto nos ambientes: E então, como foi? Difícil compor? O que foi difícil? Porque? O que mais chamou a atenção? Quais suas contribuições para os grupos? As respostas assinalaram que acertamos na estratégia e que estavam preparados para o imprevisto da criação coletiva no espaço externo porque eles verbalizaram que sentiram prazer e curiosidade na troca com os demais e na exposição que um espaço aberto pode gerar.

**9º Encontro:** Nesse encontro fomos a sala de aula com papel craft e por cima dele colocamos um tecido, em seguida propusemos a criação de uma pintura corporal sobre o tecido com tinta guache usando as partes individuais de cada corpo. Em seguida essa criação foi compartilhada com os demais tornando-se coletiva. Desses dois momentos surgiu uma grande pintura coletiva no tecido, em que todos deixaram suas marcas pessoais, ampliando e construindo nova narrativa nas marcas dos outros. Em seguida realizamos a roda de conversa.

**Impressões das estudantes/estagiárias:** O encontro aconteceu de maneira lúdica e refletimos que isso se deu porque eles estavam aquecidos pela proposta da aula/encontro anterior e porque a maioria tinha familiaridade e segurança em pintar com tinta sobre tela. A surpresa se deu em função da “entrega” para a proposta, pois de fato houve, pintaram seus corpos e carimbaram o tecido, produziram lindos traços, formas e interagiram uns nos desenhos dos outros. Realmente um momento mágico. A discussão final girou em torno dos processos de criação e de como trabalhar com isso no contexto escolar.

**10º Encontro - Experiências compartilhadas – o olhar dos artistas/estudantes:** Tivemos dois encontros suspensos por conta da manifestação dos caminhoneiros. Então optamos por finalizar o curso com uma roda de conversa para que os artistas/estudantes tivessem a oportunidade de apresentar o olhar deles para sobre a disciplina e todo o aprendizado compartilhado, e que enviassem por email a produção final que haviam realizado, já que não havia mais tempo no calendário escolar, devido aos imprevistos que ocorreram no país.

Assim, eles manifestaram opiniões sobre o que foi bem aceito, o que poderia ser aprofundado e melhorado, do que sentiram falta, e outras sugestões.

Dentro do que foi bem aceito pelo grupo estão as atividades desafiadoras, que forçaram a sair do comum, rompendo barreiras, ultrapassando obstáculos. Desafios como comandar o outro e ser comandado, entre outros relatados; o trabalho com a

postura e alinhamentos, inclusive explicitando que essa experiência e conhecimento é possível levar para a vida toda; o encontro de produção de desenhos a partir de modelo vivo porque se tratava de observar uns aos outros em movimento; o trabalho com argila e uma parte pouco explorada do corpo que são os pés; a pintura com o corpo no tecido e o processo de interferir na construção do outro; a utilização de jogos corporais como estratégia de aula e as apresentações em diferentes espaços do IA. Eles refletiram que a maioria das vivências poderiam ser levadas para o espaço escolar e que para eles a relação entre a linguagem corporal e as artes visuais ficou muito clara. Dentre as observações do que poderia ser aprofundado, eles apontaram que sentiram falta da exibição de um número maior de vídeos com performances; gostariam de conhecer aspectos técnicos sobre o esqueleto, de maneira que pudessem estabelecer relações mais precisas com as partes do corpo que mais utilizam, no sentido de trabalhar tais posturas para não sobrecarregar estas partes enquanto pintam, desenham, modelam, ou seja como fortalecer o tônus para não lesionar o corpo e explorar mais os espaços externos (fora da sala) para produção dos trabalhos de criação. Sobre o que poderia ser melhorado: utilização de outros materiais como carvão, que oferece um contraste maior com o papel craft, folhas de árvores, borra de café, ou mesmo solicitar que tragam materiais que eles mesmos gostem; ampliação da carga horária dos encontros/ aulas e troca para o início do curso de licenciatura – 2º semestre, pois dessa maneira seria possível o oferecimento de uma disciplina optativa para aprofundamento das sugestões colocadas.

#### **4 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

A proposta não teve como foco concluir porque não houve a preocupação com coleta de dados para análise de discurso ou de conteúdo dos mesmos, adotamos como conduta metodológica relatar nossas experiências e refletir sobre elas. De maneira que gostaríamos de apontar o que se espera sobre o aprendizado dos artistas/ estudantes/futuros professores, como por exemplo a compreensão de que somos corpo e podemos nos expressar por meio do movimento. Para tanto é preciso ampliar a consciência corporal, o repertório motriz para potencializar, inclusive, o processo de criação artística. Entender que as vivências auxiliam na construção de conhecimentos porque passa pela percepção individual e pelo trabalho coletivo. Aqui vemos que o sujeito da experiência (LARROSA, 2010) como aquele que vive uma experiência singular, se fez presente no processo de (in)corporação, ou seja, apropriação no e pelo corpo do que foi apreendido nesse processo. A construção de um pensamento no qual seja possível fazer escolhas e principalmente, que vá ao encontro da integração de linguagens, pois, por meio delas existe inúmeras maneiras de transformar o ambiente escolar em processos de construção coletivas multidisciplinares. Porque por meio da arte é possível dialogar com diversas disciplinas em sala de aula.

Esse estágio de docência, nos fez passar pelo processo de construção de cada encontro/aula, sempre discutindo com nossa orientadora, e podemos dizer que foi de uma riqueza impar para o aprendizado de como tornar-se professoras no Ensino Superior. Estabelecer elos entre os conteúdos curriculares, compreender a didática, os passos mais adequados para o aprendizado dos artistas/estudantes nos fez refletir que o planejamento criativo é prazeroso para todos os envolvidos. Vale dizer que também fomos sujeitos dessa experiência porque cada uma, inclusive a orientadora, vivenciou de maneira particular tudo o que foi experienciado. Para todas houve um novo olhar para as práticas pedagógicas e possibilitou a ampliação do estudo para as práticas de formação continuada para professores da educação básica, ao atentar para as sutilezas apresentadas pelos artistas/estudantes do 3º ano de BLAV, que proporcionou um olhar mais cuidadoso e reflexivo no que diz respeito a essa formação e que é possível abarcar propostas práticas (lúdicas) para um aprendizado teórico. Grande e potente descoberta.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Gerda. **Eutonia**: um caminho para a percepção corporal. 2ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1991.

LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. 3ª edição. São Paulo: Summus, 1978.

\_\_\_\_\_, Rudolf. **Dança Educativa Moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

LAROSSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GODOY, Kathya Maria Ayres de. O trabalho com projetos em dança na escola: possibilidades e desafios para a formação inicial e continuada. In: KERR, Dorotea Machado (orgs.) **Caderno de formação: formação de professores: conteúdos e didática de artes**. São Paulo: Cultura Acadêmica, UNESP. Pró-Reitoria de Graduação; Universidade Virtual do Estado de São Paulo, 2011, v.5.

GODOY, Kathya Maria Ayres de; SILVA, Regina Dinamar do Nascimento; CORRÊA, Renata Fantinati. Estágio de Docência: diferentes olhares sobre a disciplina de linguagem corporal do curso de licenciatura em Artes Visuais do IA/UNESP/SP. In: IV Congresso Nacional de Formação de Professores e XIV Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores. **Anais... São Paulo**: Cultura Acadêmica, UNESP. PROGRAD, 2018.

PIRET, Suzanne; BÉZIERS, Marie Madaleine. **A Coordenação Motora** – Aspectos Mecânicos da Organização Psicomotora do Homem. São Paulo: Summus, 1992.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Solange Aparecida de Souza Monteiro** - Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos(IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-371-2

